

1

Um Relâmpago Vindo do Nada:

Musicofilia Súbita

Tony Cicoria tinha quarenta e dois anos, era um homem robusto e em boa forma, antigo jogador de basebol na universidade, e um reputado cirurgião ortopédico na pequena cidade onde vivia, no Norte do Estado de Nova Iorque. Numa tarde de Outono, estava num *bungalow* junto a um lago, onde decorria uma reunião familiar. O dia estava agradável, corria uma brisa, mas ele reparou numas nuvens ao longe; parecia que ia chover.

Tony deslocou-se até uma cabina telefónica no exterior do *bungalow* para fazer uma rápida chamada para a sua mãe (o caso deu-se em 1994, antes da era do telemóvel). Ele recorda-se ainda de tudo o que aconteceu a seguir: «Eu estava a falar com a minha mãe pelo telefone. Estava a choviscar, ouvi trovões ao longe. A minha mãe desligou. Eu estava a um palmo do telefone quando fui atingido. Lembro-me de ver um clarão a sair do telefone. Atingiu-me na cara. No momento a seguir, fui projectado pelo ar.»

Então — ele pareceu hesitar antes de me contar isto — «Fui projectado para a frente. Desorientado, olhei à minha volta. Vi o meu próprio corpo estendido no chão. Disse para mim mesmo, “Merda, estou morto!” Vi algumas pessoas a correrem para o corpo. Vi uma mulher — que estivera fora da cabina à espera de poder usar o telefone — debruçada sobre o meu corpo, aplicando-lhe CPR...* Flutuei pelas escadas acima, sempre consciente. Vi os meus filhos, percebi que eles estavam bem. De-

* CPR — Sigla para ressuscitação cardio-pulmonar. (N. R. T.)

pois senti-me mergulhado numa luz branco-azulada... e uma grande sensação de bem-estar e de paz. Os pontos altos e baixos da minha vida corriam a meu lado. Não havia qualquer tipo de emoção associada a esse... puro pensamento, puro êxtase. Senti uma aceleração, como se algo me puxasse para cima... uma sensação de velocidade e de direcção. Então, precisamente quando dizia para mim mesmo, “Esta é a sensação mais gloriosa que alguma vez tive” — Zás! Estava de volta.»

O Dr. Cicoria soube que tinha regressado ao seu próprio corpo porque sentiu dores — dores provocadas pelas queimaduras que sofrera na cara e no pé esquerdo, os pontos por onde a descarga eléctrica entrara e saíra do seu corpo — e, percebeu ele, «só os corpos sentem dor». Ele quis voltar para trás, quis dizer à mulher para interromper o CPR, para o deixar ir; mas era demasiado tarde — estava inapelavelmente de volta ao mundo dos vivos. Um ou dois minutos depois, quando pôde falar, Tony Cicoria disse, «Está tudo bem — sou médico!» A mulher (que depois lhe revelou ser enfermeira numa unidade de cuidados intensivos) respondeu, «Há poucos minutos, não era.»

Chegou a polícia, que quis chamar uma ambulância, mas Cicoria recusou. Em vez disso, levaram-no para casa («pareceu-me demorar horas»), onde ele ligou ao seu próprio médico, um cardiologista. Quando o viu, o médico achou que ele sofrera uma pequena paragem cardíaca, mas não encontrou nada de anormal, depois de o ter examinado e lhe ter feito um ECG.* «Nestes casos, uma pessoa ou morre ou sobrevive», observou o cardiologista. Achou que daquele bizarro acidente não resultariam consequências ulteriores para o Dr. Cicoria.

Cicoria consultou também um neurologista — sentia-se sem energia (algo de muito invulgar nele) e com alguns problemas de memória. Deu por si a esquecer-se dos nomes de pessoas que conhecia bem. Foi-lhe feito um exame neurológico, um electroencefalograma e um MRI.** Uma vez mais, não foi detectado nada de anormal.

Duas semanas depois, sentindo-se melhor, o Dr. Cicoria voltou ao trabalho. Persistiam alguns problemas de memória — por vezes esquecia-se do nome de certas doenças raras ou procedimentos cirúrgicos —, mas a sua destreza como cirurgião não tinha sido afectada. Duas semanas mais tarde, os seus problemas de memória desapareceram e esse facto, pensou ele, punha um termo ao assunto.

* EKG ou ECG — Electrocardiograma. (N. R. T.)

** MRI (*Magnetic resonance imaging*) — Ressonância magnética. (N. R. T.)

O que aconteceu a seguir, ainda hoje, doze anos depois, enche Cicoria de espanto. A sua vida voltara aparentemente ao normal quando, «súbitamente, a cada dois ou três dias, sentia uma necessidade insaciável de ouvir música para piano». Necessidade essa que ele nunca sentira anteriormente. Tinha tido algumas lições de piano em criança, revelou ele, mas aquilo «nunca o interessara verdadeiramente». Não tinha piano em casa. Quando ouvia música, era quase sempre *rock*.

Com este súbito interesse por música para piano, Cicoria começou a comprar discos, apaixonando-se particularmente por uma gravação de obras escolhidas de Chopin, interpretadas por Vladimir Ashkenazy — a *Polonaise Militar*, o *Étude sur le vent d’hiver*, o *Étude sur les touches noires*, a *Polonaise em Lá bemol maior*, o *Scherzo em Si bemol menor*. — «Adorava-as todas», revelou ele. «Querida poder tocá-las. Encomendei as partituras. Nessa altura, uma das nossas *baby-sitters* perguntou se podia guardar o seu piano na nossa casa, pelo que, precisamente quando eu mais suspirava por um piano, ele veio ter comigo, um bonito piano vertical. Para mim, servia perfeitamente. Eu mal conseguia ler as pautas, mal conseguia tocar, mas comecei a aprender sozinho.» Tinham decorrido mais de trinta anos desde as lições da sua juventude, e sentia os dedos presos e desajeitados.

E então, na sequência do seu súbito desejo de ouvir música para piano, Cicoria começou a ouvir música na sua cabeça. «A primeira vez», contou-me ele, «foi num sonho. Eu estava de *smoking* em cima de um palco; estava a tocar algo composto por mim. Acordei, sobressaltado, com aquela música na cabeça. Saltei da cama e comecei a tentar escrevê-la, tanto quanto me podia lembrar. Mas eu pouco percebia de notação musical.» Isto não foi surpreendente — ele nunca escrevera ou fizera notação de música antes. Mas sempre que se sentava ao piano para estudar Chopin, sentia-se «invadido pela sua própria música, que era tremendamente impositiva».

Eu não sabia muito bem o que pensar desta música preceptória, que o invadia de uma forma esmagadora. Estaria ele a ter alucinações? Não, disse o Dr. Cicoria, não eram alucinações — «inspiração» seria o termo mais adequado. A música estava ali, bem dentro dele — ou noutra lado qualquer — e a única coisa que ele precisava de fazer era deixá-la vir ter consigo. «É como uma frequência, uma banda radiofónica. Se eu me abro, ela aparece. Apetece dizer, como Mozart, que “desce do céu”.»

A sua música é interminável. «Nunca se esgota», continuou ele. «Se quero que cesse, tenho que a desligar.»

Agora ele tinha de se haver não apenas com a aprendizagem de Chopin, mas também com a necessidade de dar forma à música que continuamente corria na sua cabeça, experimentando-a ao piano, escrevendo-a na pauta. «Foi um esforço tremendo», disse ele. «Levantava-me às quatro da manhã e tocava até à hora de ir para o emprego, e quando voltava do trabalho passava o serão sentado ao piano. A minha mulher é que não estava a achar graça nenhuma. Eu estava possesso.»

Assim, três meses depois de ter sido atingido pelo raio, Cicoria — que antes era um homem jovial e bonacheirão, dedicado à família — estava possuído de inspiração musical, mal reservando tempo para outras coisas. Começou a despontar nele a ideia de que talvez tivesse sido com vista a um objectivo especial. «Comecei a pensar», disse ele, «que a única razão por que me fora permitido sobreviver era a música.» Perguntei-lhe se antes do relâmpago ele se considerava um homem religioso. Disse que tinha tido uma formação católica, mas que nunca fora um católico praticante; tinha também algumas crenças «heterodoxas», como a da reencarnação.

Começou a sentir que ele próprio sofrera uma espécie de reencarnação, que passara por uma transformação e lhe fora concedido um dom especial, uma missão, «sintonizar» a música a que chamava, semimetaforicamente, «música celestial». Esta assolava-o com uma «verdadeira torrente» de notas sem paragens, sem repouso, a que ele era obrigado a dar forma e corpo. (Enquanto ele mo contava, lembrei-me de Caedmon, o poeta anglo-saxão do século VII, um pastor iletrado a quem, dizia-se, foi concedida em sonhos, certa noite, a «arte do canto» e que passou o resto da sua vida louvando Deus e a Criação através de hinos e poemas por si compostos.)

Cicoria continuou a trabalhar na sua técnica pianística e nas suas composições. Adquiriu livros sobre notação musical e depressa percebeu que precisava de um professor de música. Viajava para assistir a concertos dos seus intérpretes preferidos, mas não mantinha qualquer relação com os músicos da sua cidade ou com os eventos musicais nela programados. Era uma busca solitária a sua, algo entre ele próprio e a sua musa.

Perguntei-lhe se havia sentido outras mudanças, desde o acidente com o relâmpago — uma nova sensibilidade para a arte, por exemplo, ou uma alteração de gosto no que respeitava a leituras, ou novas crenças. Cicoria respondeu que se tornara «muito espiritual» desde a sua experiência de quase-morte. E adquirira «toda uma biblioteca a respeito de Tesla»,*

* Nikola Tesla (1856-1943) — Engenheiro electrotécnico, físico e inventor de origem croata. Foi inventor da bobina de Tesla e dos circuitos trifásicos. (N. R. T.)

assim como tudo o que tivesse a ver com o belo e terrível poder da electricidade de alta voltagem. Ele acreditava que às vezes conseguia sentir «auras» de luz ou energia em redor do corpo das pessoas — algo que nunca lhe sucedera anteriormente.

Os anos passaram, sem que a nova vida de Cicoria, a sua inspiração, o tenha abandonado. Continuou a trabalhar como cirurgião, mas o seu espírito e o seu coração estavam agora centrados na música. Divorciou-se em 2004, e nesse mesmo ano sofreu um terrível acidente de moto. Não guarda qualquer recordação do acidente, mas a sua *Harley* foi abalroada por outro veículo, e Cicoria foi encontrado numa vala, inconsciente e bastante ferido, com ossos partidos, uma ruptura do baço, um pulmão perfurado, contusões cardíacas e, apesar de levar capacete, ferimentos na cabeça. Conseguiu, contudo, recuperar completamente, e dois meses depois estava de volta ao trabalho. Nem o acidente, nem os ferimentos na cabeça, nem o divórcio parecem ter alterado a sua paixão por tocar e compor música para piano.

Nunca encontrei nenhum caso igual ao de Tony Cicoria, mas de vez em quando passam-me pelas mãos situações similares, de pacientes subitamente afectados por interesses artísticos ou musicais. Um desses casos é o de Salimah M., uma investigadora num laboratório químico. Aos quarenta e poucos anos, Salimah começou a ter breves momentos, de um minuto ou menos, em que sentia «uma sensação estranha» — por vezes, a sensação de que estava numa praia que em tempos visitara, mantendo-se ao mesmo tempo perfeitamente consciente daquilo que de facto a rodeava e sendo capaz de continuar uma conversa, ou de conduzir o carro, ou de prosseguir com o que quer que estivesse a fazer. Ocasionalmente, esses episódios vinham acompanhados de um «sabor amargo» na boca. Ela apercebeu-se desses episódios, mas nunca pensou que pudessem ter algum significado neurológico. Depois de ter sofrido um ataque de grande mal, no Verão de 2003, e ter consultado um neurologista e lhe ter sido feito um exame ao cérebro, descobriu-se que ela tinha um grande tumor no lobo temporal direito. Fora essa a causa das situações peculiares acima relatadas. Os médicos acharam que o tumor era maligno (embora o mais provável fosse tratar-se de um oligodendroglioma, de periculosidade relativamente baixa) e que era necessário removê-lo. Salimah perguntava a si mesma se aquilo representaria uma sentença de morte e receava a operação e as suas possíveis consequências; ela e o marido foram avisados de que a mesma poderia causar algumas «alterações da personalidade».